

Página  
Principal

Arquivo de  
Vídeos

Bancos

Bares e  
Restaurantes

Buffets

Carros e Motos

Cartórios

Clubes

Culinária

Educação

Estética

Farmácias

Festas e  
Eventos

Floriculturas

Fotos

Histórico da  
Cidade

Hotéis

## Viena confronta a sua história do Holocausto.

*Fonte: Der Spiegel*

VIENA - O rabi Paul Eisenberg, um homem robusto de 67 anos dotado de uma notável barba cinzenta, está no seu ambiente. Ele se posta em um palco ladeado por cortinas de veludo cinza e interpreta entusiasmadamente músicas do "grande cantor e contador de histórias judeu" rabi Shlomo Carlebach, regendo a orquestra e retornando a tempo para cantar canções. Nos intervalos entre as músicas, ele conta histórias sobre Carlebach, ele próprio e a vida.

O salão do centro comunitário judaico em Viena está lotado. Adolescentes com camisas pólo e pessoas mais velhas usando roupas formais assistem ao show, fascinados. Para entrar no recinto, eles tiveram que aguardar pacientemente pela revista feita por dois seguranças que falam hebraico, abrir as suas bolsas e apresentar um documento de identificação.

A comunidade judaica de Viena contava com até 200 mil pessoas antes da Segunda Guerra Mundial e à época era a segunda maior da Europa, depois da de Varsóvia. Atualmente, apenas 7.500 judeus moram na capital austríaca. Um pequeno número freqüentou a escola aqui durante a infância; outros vieram da Hungria e da Tchecoslováquia na década de 1950. Judeus uzbeques e georgianos "se infiltraram" no país após a queda da Cortina de Ferro, explica Eisenberg, acrescentando: "Somos bastante multi-culturais e diversificados".

Existem jardins-de-infância judaicos, três escolas de período integral e uma residência para os idosos. No distrito de Leopoldstadt, com uma vista para a Catedral Saint Stephen, há açougues, padarias e restaurantes kosher. Há também judeus ortodoxos por aqui: quando as crianças andam de bicicleta no Parque Prater, as suas tranças típicas são agitadas pelo vento.

## Uma história de sofrimento

Mais de 60 anos após o Holocausto, a comunidade judaica de Viena começou novamente a prosperar. Agora uma nova exposição no Museu Judaico da cidade revela o que a comunidade sofreu nos últimos três séculos.

**Imobiliárias**

**Informática e Internet**

**Madeiras**

**Materiais de Construção**

**Novidades**

**Padarias**

**Papelarias**

**Pesquisa**

**Presentes**

**Profissionais Liberais**

**Saúde**

**Serralherias**

**Supermercados**

**Turismo**

**Vídeo Locadoras**

**Fale Conosco**

**Anuncie Conosco**

A mostra exhibe antigos documentos, fotografias, papéis de identificação, pedidos de visto, petições e anúncios públicos - coisas que dão uma idéia de como era o cotidiano dos judeus na capital austríaca. A mostra, que já atraiu considerável atenção, talvez seja a mais bem preservada coleção de materiais relativos à vida judaica antes do Holocausto.

A coletânea de documentos foi descoberta por acaso no verão de 2000. Cerca de oitocentas caixas de papelão ficaram esquecidas durante décadas em um apartamento deserto pertencente à comunidade, enquanto a poeira se acumulava e o mofo fazia estragos no papel.

Durante sete anos, os especialistas pesquisaram e classificaram as montanhas de papel. "Cada carta forneceu uma nova preciosidade", diz o diretor do arquivo comunitário, Lothar Hölbling. Agora os documentos estão sendo disponibilizados pela primeira vez à população, em um projeto em colaboração com os Arquivos Centrais para a História do Povo Judeu (CAHJP, na sigla em inglês) em Jerusalém.

"Ordnung Muss Sein" ("É Preciso Haver Ordem") é o título ambíguo da mostra. Somente com relação ao período de 1938 a 1945, a coleção exhibe 500 mil páginas de documentos. Isso faz do arquivo de Viena a maior coleção judaica de dados da era do Nacional Socialismo.

### **"Uma história perdida de um país sobre o Holocausto"**

"Até agora, a história da perseguição movida contra os judeus foi escrita quase que exclusivamente com base nos documentos deixados pelos perpetradores nacional-socialistas", afirma Paul Shapiro, diretor do Centro de Estudos Avançados Sobre o Holocausto, do Museu Memorial do Holocausto, em Washington. Agora os arquivos das vítimas podem ser vistos também naquilo que o "New York Times" descreve como "Uma história perdida de um país sobre o Holocausto".

A mostra revela aquilo que alguns judeus fizeram a fim de escapar do seu país e o terror promovido pelos nazistas após a "Anschluss", a anexação da Áustria pela Alemanha em 1938. Pais desesperados preencheram questionários para os Kindertransporte ("transportes de crianças") a fim de conseguir que os filhos escapassem: a pequena Erika Hausmann, por exemplo, seria mandada para viver com um irmão na Palestina ou com uma tia em Londres.

Outros lutaram para obter vistos de saída. Marianne Pollak, de 62 anos, esperava conseguir chegar a Cuba. Aqueles que tiveram sorte, como ela, receberam documentos com um carimbo da polícia local e a insígnia da águia do Reich alemão. Muitos, conforme comprovam documentos navais britânicos, cruzaram o oceano rumo ao Uruguai, ao Paraguai e ao Brasil.

Sempre que podia, a comunidade ajudava com os preparativos para as viagens. Cursos especiais permitiam que os judeus aprendessem rapidamente profissões

práticas, das quais necessitavam para emigrar para países como os Estados Unidos. Aqueles que tiveram os seus bens confiscados ou que foram banidos de suas profissões recebiam roupa e alimentação. Crianças doentes e fracas foram enviadas para residências de férias. Elas ficavam ao sol, com os corpos secos estirados sobre cadeiras de armar, tirando umas breves férias do crescente pesadelo.

Em fevereiro de 1941, tiveram início as deportações a partir da Estação Asperngasse de Viena. Os nomes nas listas foram meticulosamente registrados em 45 arquivos que estão gastos pelo tempo: mil pessoas por viagem.

A própria comunidade judaica precisou se preparar para a expulsão em massa dos judeus - e mais tarde para a deportação - com uma eficiência burocrática. A comunidade foi obrigada a "administrar a sua própria morte", conforme as palavras do curador do Museu Judaico, Felicitas Heimann-Jelinek.

### **Evidência de um crime terrível**

"Passamos anos procurando por essas listas", diz o historiador vienense Gerhard Ungar do Centro de Documentação da Resistência Austríaca (DÖW, na sigla em alemão). "Com estes arquivos, finalmente colocamos as mãos nas evidências de um crime violento monumental".

Além da sua significância histórica, os arquivos recém descobertos têm também uma utilidade prática: para os sobreviventes e parentes das vítimas do Holocausto, eles representam um auxílio na busca por parentes perdidos ou no difícil trabalho de elaborar um processo legal no sentido de obter indenização ou restituição de bens. Desde que uma lei de restituição de obras de arte roubadas foi instituída em 1998, multiplicaram-se os processos movidos pelos sobreviventes do Holocausto ou por seus herdeiros legais no sentido de exigir a restituição dos bens confiscados. "Nós recebemos cerca de mil pedidos por mês", afirma Ingo Zechner, diretor do Centro de Apoio e Informação às Vítimas do Holocausto. "Mal somos capazes de processar tantos pedidos".

O passado nazista da Áustria está agora assombrando a famosa coleção de artes do Albertina, um importante museu vienense. Segundo o diretor do Albertina, Klaus Schröder, investigações internas revelaram que o museu conta com cerca de 3.600 fotografias obtidas ilegalmente.

O ex-proprietário desse material, um sobrinho do colecionador judeu de obras de arte Julius Paul, foi expulso de Viena em 1938. Ele vendeu as obras por uns poucos centavos a peça. As imagens, em sua maioria no estilo fin de siècle, têm atualmente um valor total estimado em 7,5 milhões de euros (US\$ 10,2 milhões). O processo de devolução dessas obras poderá se constituir no maior caso de restituição dos últimos 50 anos.

A mostra "Ordnung Muss Sein" estará no Museu Judaico de Viena até o dia 21 de outubro de 2007.

